**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – Domingo 27 -Tempo Com.)*



**«A VINHA DO MEU AMIGO»**

Mais outra “parábola” de Jesus… e mais uma *alegoria* dos antigos Profetas… A de Jesus, dirigida aos *“príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo”*, ou seja, a gente que se acha “importante” e que – talvez por isso – deveria, desde logo, ser mais responsável e dar exemplo de justiça e de verdade a todos… E a *parábola alegórica* dos antigos Profetas, que é ao mesmo tempo um “hino de amor à sua vinha”, ou um “cântico de amizade e de lamento” pela atitude e proceder dos “amigos do seu Amigo”. É maravilhoso o sentimento que exprime – neste caso o profeta Isaías em nome de Deus – através de uma “elegia” que reflete a mágoa do presente e lança um lamento para o futuro:

*“Vou cantar, em nome do meu amigo,*

*um cântico de amor à sua vinha.*

*O meu amigo possuía uma vinha numa fértil colina.*

*Lavrou-a e limpou-a das pedras,*

*plantou-a de cepas escolhidas.*

*No meio dela ergueu uma torre e escavou um lagar.*

*Esperava que viesse a dar uvas,*

*mas ela só produziu agraços…”*.

 O interessante da questão é que, nesta *alegoria*, “a vinha” somos todos nós e não apenas «o povo de Judá e Jerusalém», a quem vai endereçada inicialmente a censura do profeta. Acontece que todos nós somos *especialistas* em empurrar as *questões agudas* para os outros, mormente quando *nos apercebemos* de que a coisa vem *de molde* para o nosso caso…

Mas o que fica bem patente nesta *estória* é que o agricultor – “o Amigo” – é o próprio Deus que cultiva e trata sempre com amor e carinho o campo da sua vinha: *“Sita numa fértil colina, foi lavrada e limpa das pedras, plantada de cepas escolhidas; e no meio dela, edificada uma torre e escavado um lagar”.* Ora bom, dado que *“ela só veio dar agraços”,* azedos,em vez de *“as uvas doces que se esperava”*, o Amigo começa por se lamentar: *“Que mais podia eu fazer pela minha vinha que não tivesse feito?”.* E a seguir, não vê outra solução que abandonar a vinha, deixar que *“fique devastada… o seu terreno deserto… que seja espezinhada… e que nela cresçam silvas e espinheiros”…* *(Is 5 / 1ª L.).* Triste condição, a de quem não é capaz de corresponder, de livre vontade, à amizade, dedicação e entrega do seu Amigo!

Todavia, o amor e ternura deste Agricultor – o “Amigo” – não se fica por aqui.

Vem agora o Filho do Agricultor, Jesus de Nazaré, para revelar melhor os excessos de um Amor ainda mais dedicado e profundo. E aqui – tal como no «cântico do profeta» – os *agentes implicados* somos todos, e não só os “principais sacerdotes” e o “senado do povo”. *“Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: «Ouvi outra parábola: Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar e levantou uma torre…”.* Como se nota que Jesus conhecia muito bem “os Profetas das Escrituras”!... Pois, partindo daquele “cântico profético” – para Ele incompleto – Jesus, que se sente o “filho herdeiro do Agricultor”, coloca entre «o Dono» e a «Sua vinha» o terceiro elemento que faltava: «os vinhateiros»: *“… depois, arrendou-a a uns vinhateiros e partiu”…*

A partir daqui, tudo começa a ser diferente. A *sorte da vinha* vai depender, quer da sua própria atitude e proceder (como na *parábola* do profeta), quer do comportamento destes “vinhateiros” a respeito da *vinha* e a respeito do *Agricultor* e dos seus «enviados», entre os quais, o Seu Filho herdeiro… Pois é evidente que a entrega do Filho (Jesus) da parte do Dono (Deus) para salvar *a vinha* e *os vinhateiros*… era “impensável” na mente daqueles Profetas, pelo menos da maneira tão simples e radical como Jesus o apresenta. *“Por fim, mandou-lhes o seu próprio filho, dizendo: ‘Respeitarão o meu filho’.* *Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro; matemo-lo e ficaremos com a sua herança’. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no”... (Mt 21 / 3ª L.).* As consequências e conclusões ficam para cada um de nós… quer nos consideremos como “vinha” ou como “enviados” ou na condição de “vinhateiros”… ou – porque não? – como as três coisas ao mesmo tempo!

Com a oração inspirada do salmista

– «a vinha do Senhor é a casa de Israel» –

agora nós queremos reconhecer isto:

Que a *Tua “vinha”*, Senhor, somos nós,

e também os *Teus “enviados”*, e os *Teus “vinhateiros”.*

Ainda que “esta vinha” – só pela nossa culpa –

tenha sido devastada pelo javali da selva

e servido de pasto aos animais do campo…

ainda que mereçamos ser abandonados

e entregues à mercê de ferozes inimigos…

Tu, divino Agricultor, protege sempre

a cepa que a Tua mão direita plantou,

o rebento que fortaleceu a Tua Amizade…

E nunca Te arrependas de nos ter dado

o Teu Amado Filho, entregue para salvar a todos…

Volta para nós os Teus olhos de perdão, ó Pai,

e nunca deixes de visitar «a Tua vinha»!

[ do Salmo Responsorial / 79 (80) ]